

Título: Legado quilombola na paisagem Atlântica: das plantas à arquitetura

Autor: Veronica Maioli

Instituto Internacional para Sustentabilidade (IIS)

E-mail: v.maioli@iis-rio.org ou vmaioli_az@hotmail.com

Esse trabalho conta um pouco da contribuição da matriz africana para a formação das paisagens bioculturais no Brasil, essenciais para o entendimento da tradição, dos costumes, da história e da formação florestal brasileira. Os africanos, junto com os indígenas e europeus são responsáveis pela formação das bases culturais e biológicas no Brasil. Mas apesar da sua importância social, cultural, histórica e ambiental ela ainda é pouco valorizada e explorada, sendo em grande parte desconhecida pelos governos e pela população em geral. No processo histórico brasileiro, os africanos raptados tiveram que se adaptar ao novo habitat e às novas condições sociais, adequando e substituindo sua cultura com as da nova terra. Entre essas adaptações estavam o uso de plantas nos cultos religiosos, na medicina, na alimentação, entre outras inúmeras utilizações. Quando não era possível a substituição, eles desenvolveram-se estratégias para que as espécies fossem enviadas da África em cargas clandestinas. Aqueles que sobreviveram ao cativeiro, fugiram e formaram quilombos nas matas, ou foram libertados e se espalharam pelo país. Alguns ainda permanecem nas terras que ocupavam e cultivavam no interior das grandes propriedades. Embora a maioria dos quilombos no Brasil estejam na região norte, registrou-se mais de 95 comunidades na região sudeste, sendo 13 delas no Estado do Rio de Janeiro (RJ). O presente estudo visa ressaltar a contribuição dos africanos e seus descendentes para o conhecimento sobre a paisagem no Brasil, tendo como foco duas senzalas no RJ: uma pertencente a uma fazenda de café e outra de cana-de-açúcar, ambas construídas no período colonial brasileiro. As marcas da passagem africana pelo Brasil ficam evidentes através da presença de antigas árvores nativas da África como o baobá e figueiras, e ervas ritualísticas como espada-de-são-jorge e comigo-ninguém-pode encontradas nos terrenos ou no interior de florestas. Muitas espécies ritualísticas ainda hoje são conhecidas pelos nomes em yorubá. Na alimentação, a influência africana é responsável pelo consumo de diversas plantas como amendoim, inhame, quiabo, e muitos pratos típicos como a feijoada e a paçoca, cujo consumo em festas típicas hoje em dia, remetem a costumes e histórias dos escravos. Na antiga fazenda de açúcar, os quilombolas ainda residem nas senzalas fazendo hortas medicinais e ritualísticas, música, interagindo e manejando a vegetação vizinha através da coleta de frutos, madeira e usando locais sagrados. As músicas do jongo escritas e cantadas pelos mais velhos retratam situações e histórias passadas que são tocadas em tambores feitos de madeira local. Na fazenda de café estudada, não há descendentes de escravos, porém a dimensão das senzalas nos indica que o alojamento era ocupado por uma quantidade expressiva de escravos, o que indica a riqueza do proprietário. Da mesma forma, a presença de uma enfermaria e de varandas ao longo das senzalas refletem o cuidado com a saúde dos escravos em um momento em que o tráfico atlântico era dificultado e posteriormente proibido. Esses registros evidenciam a grande herança da matriz africana no Brasil e a riqueza de detalhes que olhares multidisciplinares podem acrescentar a essa narrativa, ainda pouco contada.